

DE VOLTA À COSTELA DE ADÃO

RODRIGUES, CARLA. **DE VOLTA À COSTELA DE ADÃO. DUAS PALAVRAS PARA O FEMININO: HOSPITALIDADE E RESPONSABILIDADE.** RIO DE JANEIRO: NAU, 2013. 224 P.

Yasminn Barbosa*

Lançado em 2013 pela editora Nau, o livro de Carla Rodrigues - filósofa, jornalista, professora e pesquisadora da UFRJ -, versa sobre o feminino visto pela ótica do pensamento do filósofo francês Jacques Derrida. Os capítulos subsequentes à introdução da obra evidenciam a clara intenção da autora em fazer dialogar o pensamento pós-estruturalista de Derrida com filósofos divergentes e convergentes à sua opinião, entre os quais é possível mencionar Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Simone de Beauvoir, Emmanuel Levinas e Judith Butler.

O terceiro capítulo, objeto de estudo desta resenha e intitulado “De volta à costela de Adão”, inicia-se com a conceituação da metafísica,

uma forma de pensar o múltiplo a partir do um, o outro a partir do mesmo, o diferente a partir do idêntico, a alteridade como uma alteração do mesmo, o diferente como uma degradação da identidade (RODRIGUES, 2013, p.89).

Da definição enquanto apresentação de uma suposta neutralidade, que, como bem argumenta a autora, “carrega a marca implícita do masculino” (RODRIGUES, 2013, p.90), a autora se propõe articular feminilidade e neutralidade para, então, discorrer criticamente sobre a questão filosófico-metafísica que perpassa os séculos, a indagação sobre: “o que é?”

Tal questionamento traz em si a marca do neutro masculino já tido como padrão para definir o outro, o feminino, a mulher. Essa perspectiva, de acordo com Rodrigues, se

* Graduanda em Direito pela Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Integrante em 2014 do Grupo de Estudos sobre Simone de Beauvoir, coordenado pela Profa. Magda Guadalupe dos Santos (IFTDJ-PUCMINAS). Bolsista de pesquisa FIP/PUCMINAS desde 2014.

mostra bastante essencialista, tratando o outro como outro por possuir diferenças em relação ao padrão, ao paradigma normativo cunhado pelo masculino na cultura.

Dialogando com Tina Chanter, a autora afirma que a própria pergunta “o que é a mulher?” já é “um modo metafísico e essencialista de pensar sobre o feminino.” (RODRIGUES, 2013, p.90). Tal questionamento, contudo, já havia sido respondido muito antes, por Simone de Beauvoir, em seu livro *Segundo Sexo*. De acordo com a filósofa francesa, se “a função de fêmea não basta para definir a mulher”, e sequer o estigma do “eterno feminino” poderia explicar essa “categoria de indivíduos”, a pergunta “o que é uma mulher?” traz uma série de problemas de toda ordem, como metodológico, axiológico, histórico-cultural (BEAUVOIR, *SS* [1949], v.I. 1980, p.9). Nesse sentido, nem todo ser humano do sexo feminino pode ou deve ser considerado necessariamente uma mulher, abolindo-se aqui qualquer possibilidade de leitura essencialista. Mas Beauvoir problematizava no final dos anos 40 uma leitura biológica, medicalizada, naturalizada pela cultura, e demonstrava que um longo processo histórico-cultural é que teria modulado o suposto ser-mulher. Para alguns, suas análises nada têm de essencialista (VINTGES, 1995, p.56); para outros, a indagação inicial de *O Segundo sexo*, “o que é a mulher? demonstra traços de preocupações substancialistas, ou, como pensa J. Butler em *Gender Trouble* (1989), traços de uma feição volitiva, cujo corpo sempre foi interpretado mediante significados culturais (BUTLER [1989], 2008, p.57).

Para Rodrigues, o essencialismo representa um fantasma do feminismo, posto que implica “o risco de uma interpretação ou leitura essencializante (do feminino), que não pode ser tratado como algo, e menos ainda como algo que seja ‘da natureza’ de uma mulher.” (RODRIGUES, 2013, p.91). A autora evidencia sua intenção de fugir de qualquer leitura substancialista que possa culminar em um embate da dicotomia essencialismo *versus* antiessencialismo. Levando em consideração o diálogo entre Tina Chanter, Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida, Rodrigues afirma que especificidades femininas não trazem necessariamente consigo um essencialismo. Reconhecer as singularidades da mulher e do feminino, segundo a autora, é sair de uma certa lógica onde o feminino só se define a partir da tomada do masculino como padrão.

O que se apresenta como o segundo fantasma do feminismo é a confusão que pode vir a ocorrer entre os termos “mulher” e “feminino”, resultando em um essencialismo

indesejável. Para exemplificar esse equívoco, a autora remete o leitor a considerações de um de seus trabalhos anteriores, *O Sonho dos intocáveis* (RODRIGUES, 2008), no qual explana o desejo em Rousseau e Kant para definir a “essência da mulher”. Para Rousseau, as mulheres não eram nem inferiores nem imperfeitas, mas pessoas que possuíam um lugar já destinado. São aquelas que “longe de corar por sua fraqueza, orgulham-se dela; seus tenros músculos não oferecem resistência, elas dizem não poder carregar os mais leves fardos, e teriam vergonhas de ser fortes” (ROUSSEAU, 2004, p.519).

Porém, como já explorado no texto “Ouse ser mulher” (BARBOSA, 2014), a afirmação do filósofo só pode ser levada em conta dentro de um ponto de vista histórico, posto que “no processo de construção da história da cultura, a mulher sempre foi o outro, o diferente do paradigma de mesmo e próprio desta mesma cultura e, ainda mais, tornou-se, em determinados momentos, o outro de si mesma, o diferente do que desejava e então podia ser.

Chegamos a um ponto em que as próprias representantes do sexo feminino acreditam que a submissão ao homem é algo bonito, comum e que deve ser estimulado (...). O “eterno feminino”, de acordo com Beauvoir, foi inventado, com ajuda das mulheres, pelos homens, e que as descrevem como intuitivas, charmosas, sensíveis, o que pode ser considerado um tópico bastante complexo e responsável pela conotação negativa que o feminismo adquiriu através dos tempos. Afinal, o feminismo teria levantado bandeiras não essencialistas, não biologicistas, apontando os estigmas culturais como responsáveis pelo cerceamento ético-político das mulheres. As mulheres não simplesmente acataram as características a elas atribuídas pelo sexo masculino, como também as tornaram um padrão a ser seguido, criando o conceito do “ser mulher” para a sociedade.

Diante disso, ao assumir o papel de frágil, a mulher parece se submeter ao homem, se esconder por detrás dele, e toda e qualquer ideia de igualdade entre os sexos torna-se uma afronta à sensibilidade feminina. Como pode a mulher encorajada pelo mundo inteiro a desenvolver seus poderes de sedução, ser graciosa, prendada e amável, ser equiparada ao homem independente, aventureiro? Os mitos presentes na literatura bem o demonstram, como as mulheres foram descritas como “trevas convulsivas” e que seria apenas “o feminino em seu estado puro” (BEAUVOIR, SS [1949], v.I. 1980. p.243). De acordo com

Simone de Beauvoir, o fato das mulheres não acreditarem em suas potencialidades foi o que tornou real a sua inferioridade.

A natureza, para Rousseau, conferia às mulheres características próprias (essenciais) tais como fragilidade, doçura, sedução. Por esse ideal de submissão as mulheres cumpriam a função de esposas, cuja *função natural* deveriam ocupar (RODRIGUES, 2013, p.93). De acordo com Rousseau, a natureza, sabiamente, conferia às mulheres menos força física e mais capacidade para obedecer.

Tendo como base Rousseau, Kant irá argumentar que as mulheres são o chamado “belo sexo”, e que possuem como único objetivo agradar aos homens e perpetuar a espécie. É estranho pensar que esse mesmo filósofo atentava para a condição de menoridade em que se encontravam alguns seres humanos incapazes de servirem-se de si mesmos sem necessitar da ajuda de outros. Não se incluía as mulheres, então, ao lema adotado no Iluminismo de um *Sapere Aude*?

Buscando responder a essa e a outras questões, Carla Rodrigues apresenta ao leitor os escritos de Silvia Alexim Nunes, que traça uma verdadeira linha do tempo sobre a visão da mulher e do feminino, da Idade Média até o pensamento contemporâneo. A costela de Adão, ao qual se refere o título deste terceiro capítulo, é aqui apresentada como a pedra fundamental do raciocínio que inferioriza a mulher. Feminilidade, sexo e mal foram associados durante toda a Idade Média e, posteriormente, no Renascimento, foram substituídos pela imagem da feiticeira. O *Malleus Malleficarum*, ou Martelo das Bruxas, já ensinava como reconhecer, torturar e julgar uma mulher considerada feiticeira; e Rousseau, como bem menciona Rodrigues, foi contemporâneo à acusação de mulheres pela prática da feitiçaria.

Assim, se mostra datada de muito tempo a tradição de associar o feminino ao caos, tal como de encontrar uma “essência feminina que explique a diferença entre os sexos” (RODRIGUES, 2013, p.94).

Nesse sentido, a autora mais uma vez busca um afastamento do essencialismo e uma aproximação da desconstrução de Jacques Derrida. O feminino, na visão de Rodrigues e aqui retomando as ideias de Beauvoir, não é algo, não é uma coisa, um atributo ou a própria mulher. O feminino não é inerente à mulher e muito menos exclusivo à ela. Citando Geoffrey Bennington, que faz uma interessante leitura do pensamento de Derrida, Carla

Rodrigues nos diz que o feminino é todo espaço que precede, de alguma forma, toda distinção entre masculino e feminino. É Lei sem lei.

Finalmente, o terceiro fantasma do feminismo, de acordo com Rodrigues, é representado pelo confronto de ideias entre Beauvoir e Levinas, apontando para um diálogo velado entre *O Segundo Sexo* e *O tempo e o Outro*, dando origem a um grande embate feminista.

Tendo como obstáculos três “fantasmas” do feminismo, a autora permanece firme em seu objetivo, e se assim se mantém, é por entender que Derrida faz duas leituras da obra de Levinas. A primeira leitura versa sobre a tradicional separação entre masculino e feminino, dando valor ao que é masculino e atribuindo à mulher características essencialistas. A segunda leitura de Derrida vê em Levinas uma ampliação do feminino para além da mulher. “Falar do feminino não é falar da mulher empírica, embora isso aconteça muitas vezes” (RODRIGUES, 2013, p.94).

Assim, Carla Rodrigues cumpre com maestria seu objetivo de promover a integração do pensamento de vários filósofos a respeito do feminino sob a luz da filosofia de Jacques Derrida, introduzindo o leitor à um inevitável desejo de se aprofundar no assunto, destemido e sem medo dos “fantasmas” que possam se interpor no caminho de análises das diferenças sexuais, culturais, sempre à procura da decifração de um mundo habitável por todos.

REFERÊNCIAS

HANTER, Tina. "Antigone's dilemma". In: CRITCHLEY, Simon; BERNASCONE, Robert. **Re-reading Levinas**. Indiana: Indiana University Press, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. Beauvoir, Le combat féministe. La féminité, un piège (Vogue: 15 de Março de 1947, v.109, n.6, páginas 171,232, 234). In: LECARME-TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis (Org.). Simone de Beauvoir, **Cahiers de L’Herne**. Paris: Éditions de L’Herne, 2012, pp.257-259.

BARBOSA, YASMINN. Ouse ser mulher. **Sapere Aude**, volume 5, n.9, p.420, Junho de 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **El género em disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Traducción de Ma. Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós, 2008.

NUNES, Silvia Alexin. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha** - um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Carla. **O sonho dos incalculáveis**: Coreografias do feminino e do feminismo a partir de Jacques Derrida. 2008a. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

VINTGES, Karen. *The Second Sex and Philosophy*. IN: SIMONS, Margareth A. **Feminist interpretations of Simone de Beauvoir**. University Park: The Pennsylvania State University, 1995, p.45-57